

ASTROJILDO PEREIRA E A REVISTA *ESTUDOS SOCIAIS*

Santiane Arias*

Astrojildo era uma pessoa muito sensível, o conheci quando ainda estava afastado do partido [...] ele tinha muito contato com todos os intelectuais, não necessariamente comunistas e de esquerda. Era amigo pessoal do Graciliano Ramos, do Jorge Amado [...] Era um intelectual conceituado. Dava uma impressão de higiene pessoal, sempre vestido muito simples, mas com elegância. Uma pessoa muito amena na conversa, mas muito amena mesmo. Delicada e incapaz de qualquer grosseria. Mesmo quando se tratava de fazer uma crítica, procurava fazê-la sem ofensa de qualquer tipo que pudesse parecer pessoal.

Armênio Guedes
Entrevista à autora

Astrojildo Pereira teve uma trajetória de intensa participação política. Ao olharmos para sua história no decorrer dos seus 75 anos, lemos, entre outras coisas: entusiasta da “campanha civilista” de Rui Barbosa; militante do movimento anarquista; fundador e dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB); integrante do Pleno do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista; publicista do debate político de sua época; atuante no I Congresso Brasileiro de Escritores e em demais discussões concernentes aos direitos do intelectual como trabalhador; crítico literário e, sempre, amante de Machado de Assis.

José Paulo Netto, na tentativa de organizar tanta diversidade, expôs-nos a sua atuação em “quatro tempos”.¹ O primeiro, entre 1908 e 1920, refere-se aos anos de formação política, alicerçada no seu envolvimento com o movimento ácrata. O segun-

do inicia-se em 1920-1921 e corresponde à sua passagem do anarquismo para o comunismo – resultando na criação da revista *Movimento Comunista* e do próprio PCB. Esse período estende-se até 1930, quando Astrojildo Pereira foi afastado da direção do partido, saindo dele em 1931. Longe da política partidária e sobrevivendo do comércio de frutas, tem início a terceira fase, cujo término em 1945 é marcado pelo reingresso nas fileiras do partido. Entre esses anos, dedicou-se ao estudo dos mais variados temas, entre os quais a apreciada literatura, publicando *Interpretações*, um livro de ensaios e artigos seus, em 1944. A sua importante atuação no I Congresso Brasileiro de Escritores (1945) e a influência que mantinha entre a intelectualidade nacional impulsionaram o seu retorno ao PC, no qual não mais atuaria como dirigente político, mas como intelectual responsável pelas tarefas culturais.² Paulo Netto, assim descreve essa nova fase: “daí em diante, tudo se passará no PCB como se Astrojildo tivesse autoridade intelectual, mas carecesse de qualquer peso político-partidário. O velho combatente aceitou esse condicionalismo tácito e assumiu as tarefas culturais que lhe atribuíram”.³ Permaneceu no Partido Comunista até a sua morte em 1965, encerrando então o “quarto tempo”.

Certamente essa é uma longa e vasta história, a qual o presente texto não pode propor a esgotar. Trataremos de questão bem mais reduzida e pontual. Diante de tantos anos de significativa atuação na história da esquerda do país, pode aparecer mesmo como um pequeno episódio da vida de Astrojildo, mas que teve lá a sua importância. Falamos de *Estudos Sociais* – revista teórica do PCB editada entre 1958 e 1964 na cidade do Rio de Janeiro. Criada no contexto de crise do stalinismo e de redefinições na política cultural do partido,

* Mestre em sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

esse periódico promoveu o interessante encontro entre os esforços renovadores do período com a trajetória particular de Astrojildo Pereira.

Embora diretor do periódico sobredito, a relevância da sua atuação nele é motivo de muitas controvérsias. Nas lembranças de Nelson Werneck Sodré, Astrojildo, além de diretor, foi o fundador da revista *Estudos Sociais*, sendo como *Literatura* (de 1945) seu “novo esforço para ampliar o horizonte político dos comunistas e agremiar novamente os intelectuais”. Ainda de acordo com Sodré, “a direção [da revista] era coletiva, mas Astrojildo era, nela, a figura principal e decisiva”.⁴

Essa afirmação está longe de ser um consenso.

Astrojildo Pereira era um intelectual de muito prestígio e influência entre a intelectualidade do período, inclusive, os não-marxistas – setor de que a revista buscava colaboração.

Nas lembranças de Jorge Miglioli, secretário da *Estudos Sociais*, Astrojildo Pereira contribuiu pouco com a revista.⁵ Com efeito, ao longo dos dezenove números, excetuando uma ou outra resenha, publicou apenas dois artigos. No entanto, Armênio Guedes, membro do conselho de redação, percebeu na participação discreta do escritor um papel importante.⁶ Astrojildo Pereira

era um intelectual de muito prestígio e influência entre a intelectualidade do período, inclusive, os não-marxistas – setor de que a revista buscava colaboração.

Sobre a iniciativa da publicação, novamente percepções distintas. O processo de criação de *Estudos Sociais* esteve intimamente associado às redefinições pelas quais passou o movimento comunista após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A crítica ao passado dogmático colocou em evidência o papel da cultura, uma vez que a origem dos erros estava, sobretudo, na postura de subserviência ao pensamento soviético. De acordo com a nova orientação, era necessário volver os olhos para a realidade nacional, muitas vezes ignorada em nome da fidelidade ao marxismo-leninismo assimilado através de Stálin e de outros



Machado de Assis

escritores reconhecidos pelo partido. As muitas e constantes traduções presentes na imprensa partidária tiveram o espaço reduzido.

Como nos contou Guedes, vários jornais e revistas foram fechados. A proposta era concentrar esforços num único jornal, *Novos Rumos*, e numa nova revista, *Estudos Sociais*.⁷

Esta apareceria com um novo perfil e diferentemente das publicações anteriores: não deveria ser órgão oficial do partido e, embora tomasse o marxismo por referência, não publicaria artigos somente de comunistas. Sua direção seria dada a Astrojildo Pereira. Essas e outras indicações nos apresentam a própria direção do PCB como responsável pela iniciativa de criar *Estudos Sociais*. Vejamos:

O partido tinha um jornal que se chamava *Voz Operária*. Esse jornal acabou e foi criado o jornal *Novos Rumos*, que era semanal. Mas não havia nenhum veículo cultural. Resolveu-se criar uma revista que é a *Estudos Sociais*. A decisão de criá-la foi do Comitê Central. Como era uma revista que tinha a pretensão de ser voltada para intelectuais, colocou-se Astrojildo Pereira como seu diretor.⁸

O nosso propósito, no entanto, não é verificar quem fundou a publicação ora mencionada. Talvez seria mais interessante perceber, através da trajetória de Astrojildo Pereira, sobretudo nos seus escritos e iniciativas culturais, o quanto a sua concepção de cultura e trabalho intelectual confluiu com o projeto da revista *Estudos Sociais*. No caso de Astrojildo, foram anos tecendo (não sem dificuldades) laços que selassem a colaboração entre intelectual e partido.

É nesse intuito que recorreremos às suas atuações, posições e escritos, percorrendo pelos seus vários momentos sem atentar muito para as diferentes fases apresentadas. Destacaremos antes a unidade que marcou a sua atuação política, traçando o que José Paulo Netto denominou “fio vermelho”.

Mesmo no período em que esteve fora do Partido Comunista, ou quando, afastado do Comitê Central, se dedicou particularmente ao trabalho cultural, Astrojildo Pereira não pode ser entendido

como um intelectual distante das questões políticas e sociais. Sendo reconhecidos os esforços em dividir seu tempo entre a cultura e a política. Em momentos de extremo sectarismo do PCB, nos quais a atividade cultural esteve subordinada à ação política, não deixou de lado suas preocupações literárias. Mas a dedicação constante ao partido em detrimento da literatura (sua paixão) valeu-lhe a acusação, por parte de Gilberto Freire, de político “frustrado”. A resposta não tardou:

Entendi que era o meu dever participar e outra coisa não tenho feito há quarenta anos [...] Nunca abandonei os meus estudos prediletos, mas nos momentos mais agudos de luta política, e tanto quanto me permitem as circunstâncias ou possibilidades, tenho cuidado principalmente daquilo que me parece mais importante.⁹

Esse dilema entre o dever e o prazer era atenuado, pois, ainda que consciente das particularidades de cada campo, atentou para a unidade fundamental entre a produção intelectual (artística ou científica) e a vida social, considerando impossível a atividade cultural imparcial “pura”.¹⁰ Em seus dizeres:

Como poderia o escritor, o artista, o cientista, que vai buscar na vida humana os motivos de toda a sua atividade mental, e dela recebem a seiva que alimenta a sua sensibilidade – como poderia ele alheiar-se aos embates em que se empenham os seus semelhantes? Não é possível. De uma forma ou de outra, por mil meios e modos, inclusive pela inércia aparente determinada, o escritor, o artista, o cientista, outrem, está intervindo, está participando, está tomando partido.¹¹

Assim, de acordo com Astrojildo, a ligação entre o intelectual e a sociedade, inclusa a esfera da política, não era somente uma escolha pautada em princípios éticos, mas antes uma necessidade, uma vez que o produtor de cultura era também um ser social. E nesse sentido prossegue:

A coisa se resume no seguinte: o artista, o poeta, o escritor, o pensador, e também o crítico vivem neste mundo, e por maior que seja seu talento ou a sua



Nelson Werneck Sodré

capacidade de abstração, não podem fugir à pressão das condições existentes, dentro das quais eles concebem e elaboram a sua obra. A chamada “fuga” é apenas um equívoco, mesmo quando tocada por dramáticas crises de consciência.¹²

Não obstante o vínculo essencial entre os dois campos, nosso escritor, afora os momentos nos quais teve que adequar sua posição à linha política do PCB, não entendia a participação política do intelectual como militância no partido. Na sua opinião a posição ativa não “implica forçosamente em obrigação partidária, em sujeição a estranhas e misteriosas injunções, em abdicação da própria personalidade”.¹³ Acreditou tanto nisso que defendeu entusiasmamente Machado de Assis das constantes acusações dos críticos comunistas:

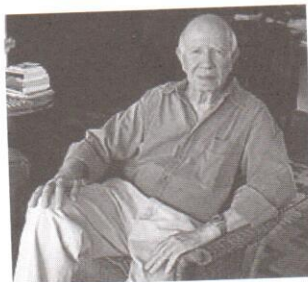
Para encurtar razões, acrescentarei que Machado de Assis constitui, a meu ver, um exemplo típico de como o escritor, na sua qualidade exclusiva de escritor e pelos meios que lhe são próprios, pode realizar uma obra literária e artística aparentemente ou formalmente apolítica, mas na realidade com um conteúdo político social dos mais ricos. E isto afinal é o que mais importa.¹⁴

Após o seu retorno ao movimento comunista, Astrojildo empenhou-se em tecer sólidos laços de colaboração entre a intelectualidade nacional e o partido, mediando relações, por vezes tensas, chamando a primeira às suas responsabilidades e amenizando as cobranças do segundo. E, nesse sentido, por um lado, alerta: “Não é razoável pôr na testa de cada qual de tais escritores, artistas e cientistas, sem discriminação alguma, o rótulo de ‘cúmplice’, de ‘traidor’, de ‘reacionário’ [...]”.¹⁵ Por outro, atenta para o importante papel dos produtores de cultura:

[...] compreende-se e admite-se que nem todos os intelectuais sintam gosto ou inclinação por estudos

Assim, de acordo com Astrojildo, a ligação entre o intelectual e a sociedade, inclusa a esfera da política, não era somente uma escolha pautada em princípios éticos, mas antes uma necessidade, uma vez que o produtor de cultura era também um ser social.

econômicos e sociais ou por atividades políticas e partidárias; mas há muitíssima coisa a fazer no terreno da ação puramente cultural, e a isto não é possível furtar-se nenhum escritor, artista ou cientista, sob alegação de incompatibilidades pessoais de gosto ou temperamento.¹⁶



Armênio Guedes

Para Nelson Werneck Sodré, que conviveu com Astrojildo Pereira, toda a sua trajetória foi marcada pela disposição em buscar alianças, rompendo o isolamento e desafiando o modelo de seita, tendência sempre presente no Partido Comunista. Assim, de início defendeu a aproximação com o tenentismo, cabendo-lhe a tarefa de encontrar-se com Luís Carlos Prestes – o que ocorreu na Bolívia em 1927.¹⁷ Seguindo a mesma orientação, travou contato com Leônidas Resende, professor universitário positivista e dono do conhecido jornal (dos anos 1920) *A Nação*. Este, após sua incursão ao marxismo, oferece o periódico à direção do PCB. Ocorre que em seus textos Resende não primava pela ortodoxia marxista, provocando insatisfações. Como nos conta Sodré:

Freqüentemente elementos da direção do PC pretendiam discutir o direito de serem tais artigos publicados num jornal que se apresentava como órgão oficial do partido [...] Coube a Astrojildo, todo o tempo, a tarefa diplomática de evitar que o destemperamento dos sectários deitasse a perder uma ajuda tão importante.¹⁸

De acordo com José Paulo Netto, no período em que esteve no Comitê Central, “Astrojildo dirige o PCB com métodos democráticos, estimula o livre debate e o confronto de idéias e imprime a marca da sua generosidade na vida orgânica do partido”.¹⁹

Toda essa disposição em estabelecer alianças, no entanto, seria usada contra ele. E assim, nas proximidades dos anos 1930, na tentativa de alinhar-se ao movimento comunista internacional, o PCB passa por um processo de proletarização. Na busca por operários “autênticos”, os intelectuais ligados à liderança foram afastados ou expulsos; entre estes Astrojildo Pereira.

Fora do partido, prosseguiu suas relações com a intelectualidade, alicerçando suas iniciativas no prestígio que desfrutava entre a categoria, justamente

pela sua propensão ao diálogo e pelo apreço que tinha pela questão da cultura. Desse modo, em 1945, no I Congresso Brasileiro dos Escritores teve papel destacado:

Coube-lhe, por tudo isso, a tarefa extremamente delicada e importante de redigir, com mais dois companheiros, o documento fundamental que o Congresso apresentou, a declaração de princípios. Ela foi, na verdade, o primeiro pronunciamento sério em defesa das liberdades democráticas naquela fase histórica [...] – exigia a “completa liberdade de expressão”, e pregava o advento de um governo eleito “por sufrágio universal, direto e secreto”.²⁰

No mesmo ano retorna ao PCB, sendo agora o responsável pelo setor da cultura. Assim, no clima de democratização do país, com o fim do Estado Novo, e do pós-guerra, com a vitória dos aliados contra o nazi-fascismo, fundou e dirigiu a revista *Literatura*. Publicada a partir de 1946, agregou intelectuais não necessariamente comunistas, com as mais variadas orientações ideológicas, na defesa da democracia.²¹ Nos seus índices encontraremos debates sobre literatura, filosofia, teatro e questões sobre liberdade de imprensa – preocupação que aproximou Astrojildo Pereira da intelectualidade do período. Sobre isso escreve: “Sem dúvida, a liberdade de criação artística – a liberdade pura e simples, sem aspas nem melindres – é não só uma bela coisa, é realmente uma condição vital para a elaboração da obra de arte”.²²

Certamente essa postura o diferencia da posição adotada pelo partido durante o período da Guerra Fria com a assimilação do realismo socia-



I Congresso Brasileiro dos Escritores

lista inspirado em Andrei Zhadanov. A recepção dessa concepção de produção cultural no Brasil marcou um quadro de subserviência ao conhecimento e às notícias advindas da União Soviética.²³ Cabendo papel muito pequeno à produção criativa, crítica e livre do escritor ou artista brasileiro. Nesse período abundaram traduções de textos soviéticos nas publicações do PCB, e a imprensa partidária sofreu um controle rígido.²⁴ Toda a produção cultural, inclusive a obra literária, possuía uma clara “tarefa”: servir à causa operária – leia-se, ao partido. Vejamos:

Além dos de Jorge Amado, outros romances como *Falam os muros da cidade*, de Ibiapaba Martins, e *Passos cegos*, de Milton Pedrosa, são resenhados nas páginas dos periódicos culturais do partido e sugerem que o filão vai muito além das contribuições do autor de *Cacau*, Alina Paim e Dalcídio Jurandir. Muitas vezes sofríveis, confirmando por vezes o que Werneck Sodré declarara como um “enorme dano à literatura”, tais produções foram resultado de um tempo em que o PCB não somente ditava aos filiados os temas a serem privilegiados, mas utilizava de censura para verificar se suas orientações haviam sido realmente seguidas. A situação se agravava para o lado cultural, a ponto de Segatto afirmar que “os intelectuais que não instrumentalizassem seu trabalho teórico segundo as ordenações táticas partidárias eram, comumente, acusados de desvios burgueses”.²⁵

Zhadanov, no artigo traduzido como “As tarefas da literatura na sociedade soviética”, defende o papel fundamental que a imprensa desempenha na sociedade socialista. Ao criticar a publicação de determinado conto na revista *Zvezda* e o espaço cada vez maior cedido a alguns autores considerados “pessimistas”, escreve:

Se a revista *Zvezda* oferece a seus leitores obras desse gênero, como deve ser precária a *vigilância* dos que a dirigem para nela publicar obras envenenadas com uma hostilidade bestial para com o regime soviético. Só a escória da literatura pode produzir obras semelhantes e só cegos e apolíticos podem publicá-los.²⁶

Para o autor sobredito, tais periódicos deveriam “educar a juventude” e não apresentar obras que semeassem o “desânimo, o derrotismo, o pessimismo” em busca do “estrito universo de emoções pessoais”.²⁷ Na construção da nova sociedade a produção cultural, sobremaneira a literatura, te-

ria “alta missão histórica” no papel da “consolidação da unidade moral e política do povo, na sua fusão e educação”.²⁸

A política sectária do Partido Comunista Brasileiro expressa no *Manifesto de agosto* de 1950 e, de modo particular, a sua concepção de produção cultural rompem as relações amistosas entre partido e intelectualidade. Essas, construídas, em larga medida, por Astrojildo Pereira, sofrem retrocesso. De acordo com Konder:

Para Astrojildo, era extremamente difícil se opor à onda de sectarismo. Há pouco tinha sido readmitido nas fileiras do PCB, após um doloroso período de mais de 13 anos de marginalização [...] Rompeu com aliados da véspera, destruiu pontes que haviam sido laboriosamente construídas ao longo de um diálogo de várias décadas. Deixou de lado seu espírito crítico e praticou o culto de Stálin e de Prestes.²⁹

Mas ventos de mudanças sopravam no Partido Comunista Brasileiro, anunciando a chegada de novos ares. Além da morte de Stálin em 1953, outra causara um impacto significativo, a saber, o suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954. Durante o seu governo o partido, então no auge do sectarismo, elaborou um manifesto no qual o acusava de “traição nacional”, proclamando assim a sua derrubada imediata, já que em sua análise tratava-se de um “governo de latifundiários e grandes capitalistas”.³⁰

Ao contrário do que o partido previa, as pressões e o clima golpista que levaram Vargas ao suicídio atestavam uma posição um tanto quanto desconfortável do governo ante os interesses mais reacionários. O que dizer da comoção popular e das manifestações a favor do presidente, mostrando que os comunistas não contavam com o apoio da classe trabalhadora; os erros de interpretação, resultantes do distanciamento da realidade nacional, tornavam-se evidentes, restando ao partido repensá-los e corrigi-los.³¹ Todavia, apesar das circunstâncias concretas, então em conflito com o programa do partido, mudanças mais signi-

Na construção da nova sociedade a produção cultural, sobremaneira a literatura, teria “alta missão histórica” no papel da “consolidação da unidade moral e política do povo, na sua fusão e educação”.

ficativas na postura do PCB só ocorreriam a partir da crise político-ideológica desencadeada em 1956.

Em fevereiro desse ano, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushev leu um relatório denunciando, entre outras coisas, os crimes e o “culto à personalidade” praticado no governo soviético sob a direção de Stálin. Enquanto vários partidos do mundo procuravam repensar a linha seguida até então, a direção do PCB impunha aos seus militantes oito meses de silêncio oficial. Nesse ínterim, à revelia dos dirigentes, inicia-se na imprensa do partido um intenso debate, com duras críticas ao dogmatismo, ao sectarismo e, por vezes, à própria estrutura partidária.

A iniciativa do debate surgiu de um grupo particularmente prejudicado pelos métodos stalinistas:

a intelectualidade comunista.³² De modo que o Comitê Central foi obrigado a ceder à pressão, manifestando-se em 20 de outubro no diário oficial do partido, a *Voz Operária*, no qual publica: “Projeto de Resolução do CC do PCB sobre os ensinamentos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o culto à personalidade e suas conseqüências à atividade e as tarefas do Partido Comunista do Brasil”.

Nesse ambiente de críticas uma questão em especial seria muito abordada, sendo vista como fundamental

para os erros passados. Referimo-nos ao tolhimento da criatividade intelectual e como suas conseqüências: o desconhecimento da realidade nacional, a falta de arcabouço teórico, a ignorância em relação a outras correntes do pensamento, áreas e temas marginalizados, ou mesmo, outros marxismos.³³ A superação do dogmatismo e das distorções exigia a abertura de espaços para a discussão, trazendo à tona o tema da liberdade de criação e



Nikita Krushev

manifestação. Diante do sentimento de erro, fracasso e culpa, surgem diversas autocríticas, como a que segue:

[...] fizemos o possível para acompanhar o modelo soviético: amordaçamos e aniquilamos inúmeros talentos jovens, dificultamos e impedimos a publicação de um sem-número de poemas, romances e estudo; em troca editamos montanhas de escritos soviéticos, quase todos de precário valor. Aos intelectuais que procuravam conservar a sua

independência de pensamento, como Caio Prado Jr., fizemos sofrer toda sorte de pressões, desde coação moral até a intriga e a calúnia sem direito de resposta. Quanto a Graciliano Ramos, esse sofreu em vida a desconfiança e hostilidade sorrateira que ainda há pouco cercaram conhecidos artistas e arquitetos.³⁴

Se os erros do passado estavam intimamente associados ao pouco conhecimento da realidade nacional e à posição passiva diante das teorias soviéticas, naturalmente o papel do intelectual dentro do movimento comunista precisaria ser revisto e uma nova política para essa categoria deveria ser formulada. A necessidade de construção de um “marxismo criador” exigia uma re colocação da intelectualidade dentro do partido – da marginalidade para uma posição de destaque.

Assim, a partir da crise do stalinismo, desencadeada no Brasil em 1956, começa a ser gestada a *nova linha política* que passou a orientar o Partido Comunista Brasileiro. Com esse intuito foi redigido em 1958 o documento no qual estava expressa parte das mudanças que deveriam ocorrer. *A declaração de março*, tal como ficou conhecida, constatava que o partido

desde o fim do período de legalidade (1945-1947) e o início da “guerra fria”, deixara de compreender corretamente a situação nacional e internacional e, por isso, adotara uma “concepção falsa, de caráter esquerdista, sobre a revolução brasileira” e “uma política profundamente sectária”, insurrecional e golpista [...]”³⁵

A revista *Estudos Sociais* foi resultado da abertura política do Partido Comunista Brasileiro, da sua proposta de diálogo com os mais amplos setores identificados com as forças progressistas do país, ou seja, comprometidos com a luta pela emancipa-

A revista *Estudos Sociais* foi resultado da abertura política do Partido Comunista Brasileiro, da sua proposta de diálogo com os mais amplos setores identificados com as forças progressistas do país, ou seja, comprometidos com a luta pela emancipação nacional, fundamentalmente antiimperialista.

ção nacional, fundamentalmente antiimperialista. A *nova política* expressava o rompimento com a estratégia política elaborada em 1950 no *Manifesto de agosto* – a orientação era sair das sombras e entrar no cenário político ao lado do movimento nacionalista, formando uma grande *frente única*. Certamente essa mudança fazia-se acompanhar de novas leituras, ou, antes, de uma releitura do marxismo-leninismo; mas foi motivada, sobretudo, pela crise política e ideológica instaurada em 1956 e pelas conseqüências políticas do afastamento do PCB da realidade nacional.

Por outro lado, a revista *Estudos Sociais* expressou um movimento de abertura teórica, sendo um esforço significativo no sentido de romper com toda a produção cultural, sempre presente e muito forte no partido, mas ao mesmo tempo subjugada a fins político-partidários. Nesse sentido, o modelo de imprensa doutrinária, direcionada para o informe, a propaganda e a educação do militante, é repensado. Apresentando um perfil mais teórico e plural, *Estudos Sociais* consistiu num importante meio de discussão e divulgação de idéias e pensadores. Mas talvez sua maior contribuição esteja na incorporação, por parte dos comunistas diretamente ligados ao PCB e à ação política, de questões delicadas e marginalizadas no interior do partido; referimo-nos à subjetividade, à psicanálise, à via nacional para o socialismo, ao existencialismo e à herança da arte burguesa e à estética, por exemplo.

A política cultural comunista mudara o curso, do trabalho sob encomenda, da vigilância serrada e do desapareço à postura intelectual, ao incentivo à liberdade de criação e expressão. Sem entrar nos problemas do processo de concretização dessa política, destacamos aqui que ao menos assim deveria ser. Sobre as pesquisas forjadas e o desconhecimento de outras correntes do pensamento, Leandro Konder, escrevendo para *Estudos Sociais*, cita Marx, numa frase que expressaria a nova perspectiva cultural do PCB: “A ignorância nunca foi útil a ninguém”; ou, agora citando Gramsci: “dizer a verdade é sempre revolucionário”.³⁶ A nova orientação inspirava-se no Partido Comunista Italiano, para o qual a autonomia e a distinção do marxismo

não significam, pois, um sistema fechado, o auto-desenvolvimento, nem a defesa de uma “pureza” abstrata, mas, ao contrário, a capacidade do marxismo de saber

compreender e de tornar suas – desmistificando-as e superando-as de um ponto de vista crítico – as exigências que se exprimem nas outras concepções de mundo, a capacidade de acolher os resultados da pesquisa científica e das experiências artísticas mais diferentes, de fazer prevalecer a validade superior das plataformas e das soluções propostas pelo marxismo.³⁷

Essa discussão reacendeu a questão da liberdade, muito próxima daquela defendida por Astrojildo ainda nos anos 1940: a liberdade indispensável da crítica. Como escreve Konder:

A liberdade com a qual me preocupo e que pretendo defender sempre contra a alienação, os preconceitos e o reacionarismo de qualquer espécie, e que pretendo defender igualmente contra a simplificação, o dogmatismo e os equívocos do tipo do romantismo revolucionário, não é a liberdade arbitrária de sentir e pensar: é a liberdade de compreender.³⁸

O conhecimento profundo do real era agora peça fundamental no processo de transformação social. Nesse sentido, o papel da cultura e da atividade intelectual é revisto e apresentado em novas bases. Agora não mais como instrumento político a serviço da estratégia partidária, mas importante em si mesmo, na sua especificidade. De modo que, pautada no compromisso com a realidade, essa forma de ação também auxiliaria a revolução, tanto na crítica ao capitalismo (já que desnudaria as desigualdades de classe social), quanto na formação de uma consciência revolucionária.

Dito isso, entendemos por que para a revista *Estudos Sociais* o “conhecimento seria sempre útil”, embora “jamais neutro em face da vida”, ou, como diria Astrojildo Pereira, jamais puro, uma vez que “sempre ligado à vida prática e à atividade permanente do homem”.³⁹

Com efeito, temos aí outro modelo de imprensa, não mais orientado para a educação e a constituição da coesão interna, mas com papel tão importante quanto. A revista voltava-se para a inserção

O conhecimento profundo do real era agora peça fundamental no processo de transformação social. Nesse sentido, o papel da cultura e da atividade intelectual é revisto e apresentado em novas bases.

política no meio intelectual, numa luta constante pela direção interpretativa do país e pela hegemonia do próprio marxismo, cujo curso começava a escapar à zona de influência do partido, adentrando outros cantos, como a academia. Assim, segundo a “Resolução Política do V Congresso” (1960), “a questão da hegemonia do movimento antiimperialista e democrático constitui questão decisiva”.⁴⁰ Na mesma direção segue a nova orientação cultural:

O caráter de partido da criação cultural não pode ser concebido de uma forma mecânica – como subordinação aos objetivos políticos imediatos do Partido, mas como capacidade de se engajar diante dos problemas da sociedade, estando guiado pela assimilação das concepções da classe operária, do marxismo. Este caráter não pode ser imposto, mas ele deve resultar do amadurecimento ideológico dos produtores de cultura, deve ser conquistado passo a passo e o partido deve solicitar esse amadurecimento por sua direção política geral e por sua política cultural, ajudando e organizando o debate, a confrontação das experiências e das idéias, elevando sua capacidade crítica.⁴¹

Perfeitamente de acordo com as mudanças advindas, particularmente no tocante ao campo da cultura, está toda a trajetória de Astrojildo Pereira: a proposta de agregar intelectuais comprometidos com as forças progressistas, ampliando o diálogo com os não-comunistas; a defesa da liberdade de criação e expressão; o estímulo ao estudo da realidade nacional; a consciência da importância do trabalho intelectual (enquanto tal) para a construção da nova sociedade socialista. Aspectos presentes no decorrer da sua história, antes mesmo dos ventos renovadores que abalaram o Partido Comunista Brasileiro, e que constituem a proposta e a experiência de *Estudos Sociais*.

Certamente a revista não foi obra exclusiva de Astrojildo Pereira. E, não obstante a importante contribuição dos demais membros do conselho editorial,⁴² com respeito ao seu arejamento e abertura, é provável que Armênio Guedes tenha desempenhado papel fundamental – trazendo para dentro da revista parte do próprio conselho.⁴³ Por outra parte, é inegável que toda a atuação de Astrojildo se concentrou em questões que se tornariam centrais para *Estudos Sociais*. E, nesse sentido, a sua participação é decisiva.

NOTAS

- 1 Cf. José Paulo Netto, “Astrojildo: política e cultura”, em Astrojildo Pereira, *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos* (Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991), pp. I-XIV.
- 2 Sobre o retorno de Astrojildo Pereira ao partido, Ilka Maria de Oliveira escreve: “Um momento fundamental em sua carreira de crítico literário ocorre quando de sua volta ao PCB em 1945. O partido, então na breve legalidade que é desfrutada com toda a intensidade, tem firme ligação com os intelectuais, favorecendo a volta daqueles que haviam sido afastados na proletarianização. Astrojildo é recém-saído de uma notável atuação no I Congresso Brasileiro de Escritores, ao lado de Carlos Drummond, Mário de Andrade, Otávio Tarquínio de Souza, dentre outros, sendo então readmitido, mas não antes de fazer uma autocrítica no jornal *Tribuna Popular*. Feliz por sua reintegração ao núcleo comunista que nascera em parte dentro de sua própria casa, Astrojildo estaria incumbido de atividades culturais, como a colaboração a jornais e a direção de revistas literárias, sendo, portanto, um intelectual do partido e não mais um dirigente do Comitê Central” (cf. Ilka M. Oliveira, *A literatura na revolução. Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*, dissertação de mestrado, Campinas: IEL-Unicamp, 1998, p. 18).
- 3 Ver José Paulo Netto, “Astrojildo: política e cultura”, cit., p. XI.
- 4 Nelson Werneck Sodré, “Meu amigo Astrojildo Pereira”, em Martin Cezar Feijó, *Formação política de Astrojildo Pereira* (2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990), p. 28.
- 5 Em entrevista concedida à autora em janeiro de 2003, por ocasião da dissertação – Santiane Arias, *A revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”*, dissertação de mestrado (Campinas: IFCH-Unicamp, 2003).
- 6 Em entrevista à autora em março de 2003 e junho de 2003 respectivamente. Armênio Guedes foi secretário da revista.
- 7 Guedes em entrevista realizada em 1999 em São Paulo, por ocasião da iniciação científica.
- 8 Jorge Miglioli em entrevista concedida à autora em janeiro de 2003, cit.
- 9 Cf. *Imprensa Popular* (folhetim), de 11-5-1958.
- 10 Opondo-se aos defensores da arte pura e aos que acreditavam na possibilidade de existência de uma produção cultural livre de implicações ideológicas, organizou um livro chamado *Crítica impura*, fazendo a seguinte apresentação: “Não haja dúvida: tudo aqui é ‘impuro’ – a filosofia, a crítica, a matéria criticada. Em suma, ‘crítica impura’ significa simplesmente o contrário de ‘crítica pura’ ou ‘crítica pela crítica’, da teoria idealista da ‘arte pura’ ou ‘arte pela arte’. Parafraseando Lunatcharski, direi ainda que a teoria da ‘crítica pura’ ou ‘crítica pela crítica’, que pretende colocar-se à margem das lutas ideológicas e políticas, é também uma teoria que exprime determinada posição ideológica e política. E com isto tenho dito tudo – relativamente ao título e sua intencionalidade” (cf. Astrojildo Pereira, *Crítica impura* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963), p. 15).
- 11 *Ibid.*, p. 4.
- 12 *Ibid.*, p. 255.
- 13 Astrojildo Pereira, *Interpretações* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944), p. 286.
- 14 *Ibid.*, p. 281.
- 15 *Ibid.*, p. 287.
- 16 *Ibid.*, p. 291.

- ¹⁷ “A posição de Astrojildo Pereira na discussão da aliança entre o partido e o tenentismo, apesar de vitoriosa naquele momento, foi severamente criticada então e particularmente depois, tendo contribuído para gerar a situação que se desenvolveu desde a crise de 1928 até o afastamento de Astrojildo da função de secretário-geral e do próprio partido” (cf. Nelson Werneck Sodré, “Meu amigo Astrojildo Pereira”, cit., p. 19).
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 21
- ¹⁹ Ver José Paulo Netto, “Astrojildo: política e cultura”, cit., p. IX.
- ²⁰ Nelson Werneck Sodré, “Meu amigo Astrojildo Pereira”, cit., p. 25.
- ²¹ Segundo Nelson Werneck Sodré: “Nela deviam estar presentes escritores de todas as tendências. Secretariada por Jorge Medauar, contava, no conselho de redação, com escritores como Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Artur Ramos, Orígenes Lessa, Graciliano Ramos e Manuel Bandeira. Astrojildo era a alma da revista, coletando as colaborações e organizando a matéria, sempre de boa qualidade”; *ibid.*, p. 26.
- ²² Astrojildo Pereira, *Interpretações*, cit., p. 266.
- ²³ Sobre realismo socialista, ver Vittorio Strada, “Do realismo socialista ao zhadanovismo”, em Eric Hobsbawm, *História do marxismo*, vol. 9 (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987). Ver também: Leandro Konder, *Os marxistas e a arte* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967). Sobre o realismo socialista no Brasil e sua repercussão na imprensa comunista ver Denis Moraes, *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)* (Rio de Janeiro: JOE, 1994).
- ²⁴ Os índices de duas revistas do período constataam o alto número de traduções e discussões sobre a URSS. Vejamos: *Fundamentos*, de 1952: “Alguns traços da literatura soviética”, “O balé soviético”, “O fundador da ciência do cérebro: Sétchenov, predecessor de Pavlov”, “O direito soviético: um direito novo”, “O papel da superestrutura no desenvolvimento da sociedade soviética”, “Papel e tarefas do escritor soviético”; *Para Todos*, em 1951: “A arte e a literatura da URSS”, “A literatura soviética, a conquista do novo”, “O estudo do marxismo-leninismo”, “Os novos caminhos da lingüística soviética”. “Havia ainda a seção fixa ‘Da URSS e democracia populares’, com o noticiário sobre atividades culturais e científicas naqueles países” (cf. Denis Moraes, *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*, cit., p. 148).
- ²⁵ Cf. Ilka M. Oliveira, *A literatura na revolução. Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*, cit., p. 48.
- ²⁶ Andrei Zhadanov. “As tarefas da literatura na sociedade soviética”, em *Problemas*, nº 20, Rio de Janeiro, 1949, p. 89; grifo meu.
- ²⁷ *Ibid.*, p. 94.
- ²⁸ *Ibid.*, p. 106.
- ²⁹ Leandro Konder, “Astrojildo Pereira: o homem, o militante, o crítico”, em *Memória e História*, nº 1 (São Paulo: Ciências Humanas, 1981), p. 67.
- ³⁰ *Documentos. PCB: vinte anos de política, 1958-1979* (São Paulo: Ciências Humanas, 1980).
- ³¹ De acordo com José Antonio Segatto, já surgiam pressões de militantes no sentido de reaproximação do partido com os movimentos sociais e a vida política do país. Mas, até a morte do presidente, o PCB continuava sob a orientação do *Manifesto de agosto* (1950). Assim, “enquanto o país era sacudido pelas notícias do suicídio de Getúlio Vargas, o jornal do PCB, a *Imprensa Popular*, trazia a manchete: “Abaixo o Governo de Traição Nacional de Vargas” (cf. José Antonio Segatto, *Breve história do PCB* (2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989), p. 80).
- ³² “Grande repercussão terá a abertura do debate na imprensa pecebista de circulação diária: numerosos artigos e cartas publicadas na *Imprensa Popular* e *Notícias de Hoje*, editado em São Paulo, entre os dias 9 e 14 de outubro, na sua maioria assinados pelos intelectuais comunistas mais conhecidos, exigindo a abertura da discussão” (cf. Raimundo Santos, *A primeira renovação pecebista* (Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988), p. 115).
- ³³ A marginalização de algumas áreas, além de empobrecer o marxismo, deixava-as ao domínio completo de outras correntes do pensamento. É o que Adam Schaff discute na *Estudos Sociais* a respeito da subjetividade e de questões acerca do indivíduo, do qual o marxismo não se ocupou, abrindo espaço para abordagens existencialistas (cf. Adam Schaff, “Existencialismo e marxismo”, em *Estudos Sociais* nº 10, Rio de Janeiro, 1961. Outra área prejudicada é a estética. De acordo com Leandro Konder “o desenvolvimento teórico da concepção filosófica geral do marxismo veio a manifestar, de modo geral, certa tendência para subestimar a estética e o estudo dos problemas da teoria marxista da arte” (cf. Leandro Konder, *Os marxistas e a arte*, cit., p. 4).
- ³⁴ Cf. Pedro Salústio, 1956, p. 32. Ainda segundo o autor: “Nesta nova inquisição levada a cabo sob a égide da mais revolucionária das teorias, o marxismo, não faltavam nem as ‘boas intenções’, nem o índex, nem a fogueira. Autores e livros foram postos sob suspeição de heresia, e muitos foram abertamente condenados, inúmeras obras de intelectuais comunistas ou não, tiveram a sua publicação dificultada ou impedida, correntes artísticas ou científicas inteiras foram afastadas como nocivas”. O texto de Pedro Salústio pode ser encontrado no Cedem-Unesp/Asmob. De acordo com Denis Moraes, *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*, cit., p. 166, nota de rodapé, Pedro Salústio é o pseudônimo de Fernando Pedreira.
- ³⁵ Cf. *Documentos. PCB: vinte anos de política, 1958-1979*, cit., p. IX.
- ³⁶ Leandro Konder, “Alguns problemas do realismo socialista”, em *Estudos Sociais*, nº 17, Rio de Janeiro, 1963, p. 47 e 55.
- ³⁷ Tese nº 5 do X Congresso do PCI, publicada sob o título “Os marxistas e a renovação cultural italiana”, em *Estudos Sociais*, nº 18, Rio de Janeiro, 1963, p. 191.
- ³⁸ Leandro Konder, “Alguns problemas do realismo socialista”, cit., p. 60.
- ³⁹ *Ibid.*, 47.
- ⁴⁰ Cf. *Documentos. PCB: vinte anos de política, 1958-1979*, cit., p. 6.
- ⁴¹ Tese nº 5 do X Congresso do PCI, cit., p. 192.
- ⁴² Pertencem ao conselho de redação da revista: Armênio Guedes, Astrojildo Pereira, Fausto Cupertino, Jacob Gorender, Jorge Miglioli, Leandro Konder, Mário Alves, Nelson Werneck Sodré e Rui Facó.
- ⁴³ Apesar de um projeto comum ligar os membros da revista, no decorrer dos anos surgiram divergências quanto à natureza da sua abertura. Formaram-se então como que dois grupos: um representado por Jacob Gorender e Mário Alves, outro por Armênio Guedes. Foi deste último a iniciativa de levar jovens para a *Estudos Sociais*, tais como: Jorge Miglioli e Leandro Konder. Para uma discussão mais aprofundada sobre a revista, ver Santiane Arias, *A revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”*, cit.